



DE O PASQUIM À AVENIDA BRASIL¹

O humor irreverente da charge política comenta e ajuda a compreender os fatos do cotidiano

O humor no Brasil dos anos 70 marcou pela rebeldia bem humorada ao golpe de 64. Nesse sentido, o aparecimento do gênio de Henfil era, na verdade, apenas o começo do fim. O prenúncio de uma nova era em que a contestação política não teria mais a mesma importância.

Um fenômeno como **O Pasquim** não ocorreria com o mesmo ímpeto num regime de liberdades democráticas, o confronto com a ditadura era a mola propulsora do deboche e irreverência que o semanário ipanemense levou a todo o país.

Com a abertura política, os grandes jornais assimilaram os expoentes da imprensa nanica e isso, indiretamente, esvaziou o humor crítico da patota. Com Millôr na **Veja**, Henfil na **IstoÉ**, Ziraldo no **Jornal do Brasil (JB)**, o Jaguar tentou por todos os meios continuar publicando **O Pasquim**, contando com novos talentos, eu inclusive.

Colaboraram nessa época com o já nem tanto prestigiado hebdomadário: Reinaldo, Hubert e Cláudio Paiva (futuros fundadores do **Planeta Diário**, da **TV Pirata** e, mais tarde, integrantes da turma do **Casseta & Planeta**) além de Nani (Hernani Diniz Luca, autor e produtor de textos para programas humorísticos), Mariano & Agner. Juntos, eles editam **O Pingente** cujo título, além de ser uma alusão aos passageiros de última classe da Central do Brasil, era uma constatação de que, apesar de trabalharem em **O Pasquim**, não eram mais parte integrante dele. **O Pingente** chegou a ser distribuído e encartado dentro de **O Pasquim**, mas,

por conservar ainda as mesmas características da nave-mãe, não soube como se diferenciar e fechou.

O AUTOR

Paulo Caruso

Chargista e músico. Formado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

1. A primeira parte deste artigo (até p.81) foi originalmente publicada no Boletim SESC-São José do Rio Preto, por ocasião da exposição: **Traços do Humor** - Um painel do humor impresso. abr./1995.



Em 11/04/84, a revista semanal **Senhor** publica o comentário irônico de Paulo Caruso e Solnik sobre o processo de eleição do Presidente via Colégio Eleitoral.

Outra tentativa que nasceu dentro de **O Pasquim** foi **O Bicho**, revista de quadrinhos não-enlatados (que não eram importados), editada por Fortuna e que além de novos artistas também publicava veteranos e pioneiros como Seth e Luis Sá.

Em São Paulo, Tarso de Castro edita para a **Folha de S. Paulo** o suplemento **Folhetim**, com Fortuna e os novos Jota, Angeli, Glauco, Laerte. Alguns deles, como Laerte e Angeli, já experimentados chargistas editoriais.

Nesse momento, já na segunda metade da década de 70, Chico Caruso conquista um dos maiores prêmios do mundo no Salão Internacional de Piracicaba e acaba sendo contratado pelo **Jornal do Brasil** como chargista editorial revezando, no lugar do Lan, com o experimentado Ziraldo. Nesse momento começa uma reviravolta e um renascimento da charge política no Brasil.

Assim como o próprio **JB**, Ziraldo era então uma espécie de instituição nacional. Alternando com o veteraníssimo Lan, italiano aculturado e dono de um estilo impecável de caricatura, Ziraldo, no pingue-pongue do jornal, era o dia *sim*. Seus desenhos sempre elegantes e modernos contrastavam tanto com o traço enxuto e o humor ingênuo de Lan, que os leitores haviam acostumado a ver os desenhos do italiano esperando pelo dia seguinte.

Com a entrada do Chico no **JB** essa situação se inverteu. Com um novo enfoque, um humor malicioso e cáustico, ao mesmo tempo originário de uma escola de desenho americanizada que usava a caricatura como suporte e rebatia para a política questões comportamentais (como o Figueiredo arrumando as malas para a volta aos quartéis por exemplo), Chico vai, lentamente, transformando o espaço do Ziraldo em dia *não*.

Chico deixa o **JB** e vai para **O Globo**, onde depois de alguns anos começa a publicar, pela primeira vez na história de nossa imprensa, charges a cores na primeira página do jornal.

Com Tancredo, Ziraldo vai para a FUNARTE, através do então ministro da Cultura José Aparecido. Ali nasce uma distribuidora de quadrinhos nos moldes dos sindicatos americanos que revela novos talentos.

Luís Fernando Veríssimo, conhecido como escritor, revela-se um finíssimo desenhista, através de suas tiras **As Cobras** e posteriormente **Família Brasil**, a saga da classe média brasileira.

É do **Jornal do Brasil** a tentativa pioneira de institucionalizar os quadrinhos no Brasil através do convite de dez artistas brasileiros para publicarem lado a lado das tiras americanas.

DESBUNDE COMPORTAMENTAL E CRIAÇÃO COLETIVA

A saída do regime de restrição à liberdade de imprensa apontava para um *desbunde* nos meios de comunicação e assim os artistas foram desviando seu foco de atenção da política para o comportamento.

Laerte, Angeli e Glauco aderiram prontamente ao trinômio Sexo, Drogas & Rock'n Roll, influenciados pelo movimento *underground* norte-americano.

Robert Crumb, artista californiano, introduziu nossos artistas no movimento *hippye* e contestador do *american way of life*, criando logo um séquito de admiradores entre os quais me incluo. Em São Paulo, por volta de 1973, já havia acontecido a experiência do **Fanzine Balão**, quadrinhos editados na FAU/USP por Laerte e Luis Gê, com minha participação, do Chico, Miadaíra, Sian, Maurício Moura e Xalberto, com breve aparição de Angeli.

Depois do **Folhetim**, Tarso reedita **A Careta** (que havia marcado época nos anos 20, 30 e 40 e revelado gênios como J. Carlos, Calixto, Ruy, Belmonte etc.) distribuindo aos novos leitores fac-símiles de As Caretas de antanho.

Em seu primeiro número, 1981, Chico publica uma História em Quadrinhos sobre a bagunça no ministério Figueiredo e abre um espaço que aproveitei junto com Alex Solnik para publicar HQ's de política. Mais tarde criamos uma seção fixa chamada Bar Brasil que mudou depois da dissolução da dupla, para Avenida Brasil, publicada hoje na última página da revista IstoÉ.

A nova geração de desenhistas cariocas na tentativa de se desvincular de **O Pasquim** tenta uma medida extrema: param de desenhar!

Inspirados num jornaleco editado e distribuído na praia pelo irmão mais novo do Reinaldo, **A Casseta Popular**, Reinaldo, Cláudio Paiva e Hubert fundam o **Planeta Diário**, que era um jornal-paródia, com artigos que imitavam a linguagem dos jornalões e imitava até os chargistas da grande imprensa. Começa a ocorrer então a grande novidade no humor brasileiro: a criação coletiva.

Assim, num processo de *brainstorm* (técnica para produzir um grande número de idéias), os novos artistas criam um produto, agora sim, totalmente diferente do culto ao próprio umbigo que caracterizava **O Pasquim**.

Aqueles nossos mestres que se tornaram instituições nacionais, o "Estado-Maior da Galhofa" como Jaguar, Ziraldo, Millôr, Fortuna, Claudius e Henfil deram origem a uma nova safra que continua dando frutos até hoje. Depois de Angeli, Glauco e Laerte (**Los três amigos**), a turma do **Casseta & Planeta**, Paulo e Chico Caruso já apareceram, o gaúcho Adão Ituzuscaray (o quarto amigo), o paulista Spacca, o baiano Cauh e os cariocas Lula e Cavalcanti (seguidores do originalíssimo Cassio Loredano, de volta ao Brasil) e uma infinidade de injustiçados ignorados por mim neste texto.

AVENIDA BRASIL – A URBANIDADE DA POLÍTICA

Em 1981, na extinta **Careta** (reeditada pelo também extinto Tarso de Castro) criei um universo próprio para representação e comentário da política brasileira.

Brigão, birrento e ciclótico, o então general presidente João Figueiredo se envolvia em bate-boca com estudantes na “boca mal-dita” de Florianópolis, bradava aos opositores “Prendo e arrebento”, praticava enfim o que entendi como “estadismo de botequim”.

PAULO
CARUSO

AVENIDA BRASIL

em ...

apresenta...

“A INSUSTENTÁVEL
LEVEZA DO SER”

A transição pela via das dúvidas/1989, p. 59.



Paulo Caruso em **Avenida Brasil** mostra como o panorama político brasileiro mudou pouco nos últimos anos.

Inspirando-me nessa personalidade que parecia transformar tudo à sua volta numa paisagem de botequim de quinta categoria, criei então *Bar Brasil*, o ambiente político da época. Era um boteco onde a situação se confrontava com a oposição num clima de galhofa e esculhambação que inebriava a todos, feito cachaça.

Representar o poder central como um botequim foi um recurso limitado ao contexto da época, mas ainda assim, dada a importância do BAR em nossa cultura e em nossos códigos de relacionamento, ficou como um marco indestrutível nessa paisagem. Reforma nenhuma, ao que parece, será capaz de transformá-lo num ambiente mais sofisticado.



Chama atenção a atualidade do comentário político de Paulo Caruso.

Com a abertura política e a concretização e o aperfeiçoamento das instituições democráticas (e a eleição, primeiro indireta, depois direta de dois presidentes – Collor e FHC) os limites da representação tiveram também que se abrir. Era época da *détente*, abertura, *perestroika*. Olhando em volta, ao redor daquele foco que o botequim refletia, me senti cativado pelo mundo infinito de signos e estímulos que a cidade propunha.

A imagem das cidades modernas brasileiras ou norte-americanas é a do grande centro para onde migram e emigram populações de grande mistura racial e econômica.

O desenho urbano é reddecorado com sofisticada linguagem de engenharia de tráfego, na pretensão de ordenar o fluxo dessas imensas massas migratórias.

Placas coloridas, círculos vermelhos cortando signos pretos, losangos amarelos ou verdes, semáforos, avisos luminosos, *zebras* brancas ou amarelas sobre fundo preto artístico, como resistir?

Nasceu assim a **Avenida Brasil**, uma “transição pela via das dúvidas” rumo à democracia que, espero, nunca chegue ao fim.

Resumo: O chargista Paulo Caruso faz um balanço das principais tendências dos artistas do desenho de humor na imprensa brasileira desde a década de 70, com **O Pasquim**, até sua criação mais recente **Avenida Brasil**, publicada semanalmente pela revista **IstoÉ**.

Palavras-chave: charge, humor, política, **O Pasquim, Bar Brasil, Avenida Brasil**

Abstract: The cartoonist Paulo Caruso reviews the most important trends among cartoon artists in the Brazilian press. His review covers cartoon production from the 1970's, with **O Pasquim** up to his most recent creation **Avenida Brasil**, published weekly by the **IstoÉ** magazine

Key-words: cartoon, humor, politics, **O Pasquim, Bar Brasil, Avenida Brasil**